

Raul Brandão

O POBRE DE PEDIR

Fixação do texto e posfácio de
Gustavo Rubim



chão da feira

O Pobre de Pedir

Já não posso com estes tipos. A aldeia está a transformar-se numa coisa amarga, numa coisa vasta e amarga, que se não fez para os meus nervos delicados. A verdadeira dor e a verdadeira piedade têm um peso insuportável. Já não posso. Já não posso com esta mulher que passou por mim e olhou para mim — e eu fiquei para sempre ligado à figura inexpressiva e gasta —, nem com o Cego das Uveiras, que a cegueira tornou mais alto, e que não bole, fixando o céu, como se esperasse do céu um ato extraordinário, nem com todas estas figuras escavonçadas, que passam os dias da

vida monótona, repetindo os mesmos gestos, cheios de terra e em contato permanente com a terra.

— E Jesus que não vem!

Já muitos o viram. É um pobre — é um pobre de pedir —, é um fantasma. Ninguém sabe dizer como é esse vulto que desaparece na volta dos caminhos. Não traz sacola, e não passa talvez de uma sombra. O seu silêncio mete medo. Viram-no, e quem o vê fica atônito como o Manco, que anda desvairado pelo alto dos montes, a desafiar o vento com um pau e a pedir lume ao fogo dos relâmpagos. Viu-o o Senhor José, espesso como granito, que nunca pôde comunicar comigo. Viu-o e calou-se. Mas sei que viu o Pobre, porque se pôs a olhar para mim duma maneira singular... E o Manco teima e diz, com a ponta do cigarro requeimado ao canto da boca:

— Jesus Cristo há-de voltar para nos dar a terra.

— Voltar?!

— Os pobres hão-de ser sempre pobres.

E o Fortunato:

— Sempre. Sem pobres acabava-se o mundo.

— O mundo é dos probes!

Acodem os jornaleiros secos e ressecos, as velhas das cabanas e outros — lá dos altos, para ouvirem o Manco. À noite, nos sítios ermos, juntam-se em bando o Ai-Jesus, o Ladrão, o Seringa, o Abelheiro e alguns tipos escalavrados, e todos eles o querem ver e ouvir.

— Vi-o!

Também a senhora Emília, cada vez mais apagada e humilde, o espera com o olhar que revela um peso insuportável.

Sentada no lar, não tira os olhos do Fortunato. Vai-lhe falar? Não se atreve. Não bolem, ele negro e curvado, ela em frente com a boca sumida e as cinzas frias ao meio dos dois a separá-los. Amar não é nada. Amar na dor e na desgraça é que é a lei suprema da vida.

Ecoam os passos na eira deserta, abre-se a porta da cozinha e o criado atira ao lume um braço da poda:

entre estalidos, a labareda ilumina as figuras atentas, o homem seco como as vides e com a cabeça toda branca; a senhora Emília metida na sombra, calada como se não existisse; os filhos, o José que é ladrão, a Rosa que acabou nas vielas; e o criado, o Manco, sempre a cantar, como aqueles grilos a quem se tira uma perna para cantarem melhor.

— A terra é dos probes — teima ele.

Cheira a monte e arfa no escuro uma coisa sagrada — o sonho dos pobres. As figuras da realidade desapareceram, outras figuras estão presentes como sombras carcomidas e que chegam ao céu. Um momento a brasa ilumina as mãos da senhora Emília que parecem de morta. O casebre não existe — as paredes não têm limites, na escuridão remexem seres que esperam que se realize um sonho impossível no mundo.

O Fortunato que nunca comeu à sua vontade e que trabalha até à morte, a velha que não fala e nunca se queixou, a Rosa e o ladrão que anda a monte, o criado que os serve há tantos anos sem receber soldada, ouvem o Manco e deixam apagar o lume reduzido à

ponta dum cigarro. Mas na grande mudez e no silêncio sente-se o arfar reprimido dos peitos.

— Jesus há-de voltar para nos dar a terra.

— Voltar?! Os pobres hão-de ser sempre pobres!

— Não, — teima o Manco, com o cigarro ao canto da boca — os ricos que fiquem com o dinheiro, mas a terra é dos probes.

O lume apaga-se. Ao redor do lar, o criado, o ladrão, a figura tisonada e a mulher passiva e humilde, que mal se atreve a sentar-se à beira da pedra, com a malga nas mãos, para ocupar menos espaço na sua própria casa, confiam não sei em quem e esperam separados pelas cinzas frias...

— A terra é dos probes.

Todos eles veem uma Sombra no Pobre maravilhoso. Aparece nas eiras e olha com cólera para os homens e para os punhados de milho secos e escassos. Receiam-no e calam-se e o Pobre cala-se, também suspenso, e segue o seu caminho...

A vi(d)a do desespero —
autobiografia a golpes de martelo

Gustavo Rubim

O *Pobre de Pedir*, editado em 1931, já depois da morte de Raul Brandão, por cuidado de sua viúva, Angelina Brandão, não foi sequer revisto na íntegra pelo escritor. Não seria melhor evitar esta zona arriscada e propor outro dos vários escritos de Raul Brandão que não têm praticamente circulação nenhuma no Brasil?

A razão da escolha é simples. *O Pobre de Pedir* é um dos livros mais notáveis e originais de Brandão e mesmo em Portugal continua a circular pouco, a ser pouco reeditado e pouco interpretado, ao contrário do que acontece com o já clássico *Húmus* (de 1917)¹ ou mesmo com outros livros da última fase do escritor, nomeadamente *Os Pescadores* (1923) e *As Ilhas Desconhecidas* (1926). Ora, nas palavras de um biógrafo e comentador de Brandão, *O Pobre de Pedir* “é uma tentativa de romance que, conservando as características do autor — o diálogo interior, o desganhamento dos períodos, a falta de uma acção concatenada e lógica —, tem em si algo de novo e de inesperado na obra do

¹ De *Húmus* há edição brasileira recente, com preparação e posfácio (“*Extraír ternura de uma pedra*”) de Jorge Henrique Bastos: São Paulo, Incluir Edições, 2011. Para estudos críticos em torno do autor de *O Pobre de Pedir* no Brasil, pode consultar-se *Raul Brandão, um intelectual no entre-séculos: estudos para Luci Ruas* (Org.: Otávio Rios), Rio de Janeiro, Letra Capital, 2014.

escritor.”² Os dois planos são igualmente importantes: o da conservação de traços que já distinguiam a escrita de Brandão e o dos novos aspectos que o livro revela na sua posição de último de cerca de vinte livros escritos e publicados desde 1890. Mas não pretendo fazer aqui a medição do que pesa para um lado e para o outro. O argumento principal é outro e reduzo-o à ideia da *intensidade* que atravessa esta derradeira “tentativa de romance”. Ela começa na primeira linha do texto com a tensão e a força do insuportável, que será o ponto de onde parte aquele que escreve:

Já não posso com estes tipos. A aldeia está a transformar-se numa coisa amarga, numa coisa vasta e amarga, que se não fez para os meus nervos delicados. A verdadeira dor e a verdadeira piedade têm um peso insuportável. Já não posso. (p. II)

² Andrade, João Pedro de, *Raul Brandão: a Obra e o Homem*, 2ª edição, Lisboa, Acontecimento, 2002 (1ª edição: 1963), p. 164.

Nenhuma explicação, nenhum enquadramento, nenhuma data, nenhum lugar. A narrativa de Brandão arranca de súbito a partir de uma voz em tensão e de uma comunidade que é apenas “a aldeia”, sem outro nome, e que é apanhada na sua transformação, na sua mutação, no seu desequilíbrio, não na sua identidade. O ponto inicial é assim a iminência de uma catástrofe qualquer, individual ou comunitária, ou ambas as coisas. É nessa iminência, sem tranquilidade, que a narrativa toma o seu início. A voz do que escreve está atravessada por essa tensão de quem está à beira de um limite, ao mesmo tempo que nessa voz imediatamente se desenha a co-presença das outras vozes que compõem o coletivo da “aldeia”, também ele posto perante um limite.

A “tentativa de romance” anda à volta de um pobre que apareceu na aldeia e cuja visão, cuja passagem pela aldeia, tem mais peso e mais efeito do que qualquer história que de facto o identifique. Mal aparece, no início da narrativa, esse pobre que está no título do livro ganha logo a qualidade ou a ausência de qualidade que distingue um fantasma: “Já muitos

o viram. É um pobre — é um pobre de pedir —, é um fantasma.” De resto, um fantasma cuja principal característica é menos a de aparecer ou reaparecer (como é tradicional nos fantasmas) do que a de *desaparecer*, sem deixar rasto físico ou verbal de uma autêntica presença: “Ninguém sabe dizer como é esse vulto que desaparece na volta dos caminhos. Não traz sacola, e não passa talvez duma sombra. O seu silêncio mete medo.” (p. 12) A figura explora, assim, o traço idiomático da expressão portuguesa “pobre de pedir”, que distingue entre os pobres aqueles que apenas sobrevivem pedindo, os pobres que não trabalham, que não têm morada fixa, que circulam numa zona parasitária e nómada da economia da pobreza. A diferença deste fantasma é que ele faz falar. Não fala, mas faz falar, gera discurso com o seu desaparecimento e com o seu silêncio. E gera ajuntamento, expectativa, uma promessa qualquer de sentido e de realização dessa promessa. O “pobre de pedir” é messiânico, a sua passagem tem a força emblemática que os outros pobres atribuem a um regresso de Jesus à Terra. O